
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

ENSAIO SOBRE A MORTE: VULNERABILIDADE E RESISTÊNCIA EM SOBRE OS OSSOS DOS MORTOS

Angela Lamas Rodrigues¹ (UEL)
e Anahí Gabriela González² (UNSJ-CONICET)

RESUMO: Este trabalho analisa a obra *Sobre os ossos dos mortos* (2019), de Olga Tokarczuk, a partir do estudo das relações entre vulnerabilidade e resistência. Partindo das premissas dos estudos críticos animais e dos apontamentos de Judith Butler, Erinn Gilson e Sarat Colling sobre o tema, o artigo examina a insubordinação da protagonista frente a uma sociedade especista, capacitista e heteropatriarcal.

PALAVRAS-CHAVE: violência; afeto; animalidade.

ON DEATH: VULNERABILITY AND RESISTANCE IN DRIVE YOUR PLOW OVER THE BONES OF THE DEAD

ABSTRACT: The present work purports to analyze Olga Tokarczuk's *Drive your plow over the bones of the dead* (2019), by focusing on the relations between vulnerability and resistance. Through the lenses of Critical Animal Studies as well as Judith Butler, Erinn Gilson, and Sarat Colling's perspectives on the subject, the article examines the protagonist's insubordination as she confronts an especisist, ableist, and heteropatriarchal society.

KEYWORDS: violence; affection; animality.

Recebido em 20 de abril de 2022. Aprovado em 30 de junho de 2022.

INTRODUÇÃO

A partir de meados do século XX, intensificam-se as críticas ao humanismo, como fundamento que estabelece e legitima a distribuição política dos corpos. Dos questionamentos acerca da metafísica ocidental até as reflexões atuais sobre as noções de precariedade e vulnerabilidade, passando pelo debate em torno da biopolítica, as indagações acerca dos umbrais e torções do humano não cessam de irromper. Assim, por um lado, os feminismos, os estudos pós-coloniais, a teoria *queer*, os

¹ alr@uel.br - <https://orcid.org/0000-0003-4599-3977>

² anahigabrielagonzalez@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-9260-3340>

estudos sobre deficiência, entre outros, produziram um questionamento radical do ideal moderno de “Homem”, quer dizer, um deslocamento da sua posição como dispositivo hierárquico e opressivo (Braidotti 2013, Rocca 2021). Por outro lado, os estudos críticos animais enfatizaram que o ideal normativo do humano se ergueu em oposição frontal à animalidade, reduzindo os outros animais a um lugar objetificado e sacrificável (Derrida 2006, Oliver 2009, Wadiwel 2015). A questão sobre quem é ou não humano abarca, portanto, diversas perspectivas teórico-práticas, precisamente porque a dicotomia “humano-animal” funciona como núcleo de múltiplas operações de exclusão e precarização (Wolfe 2003, Lundblad 2020).

O “giro animal”, tal qual desenvolvido nas produções teóricas, nos ativismos e nas práticas artísticas do final do século XX (Salzani 2017), constitui um marco no estudo das relações entre animais humanos e outros animais. Significa dizer, o “giro animal” é um ponto de articulação de uma série de deslocamentos que puseram em crise o ideal normativo do “Homem”. Com efeito, o humanismo moderno-colonial estabeleceu como parâmetro um corpo normal, colocando-o em um lugar fundante da existência (o homem branco, europeu, proprietário, capacitado e cisheteronormativo). Essa norma fundante é sistematicamente reproduzida e opera através de técnicas, tecnologias e dispositivos de poder, que tornam utilizáveis e disponíveis os corpos daqueles que se afastam ou se encontram excluídos de tal paradigma: animais não humanos, mulheres cis, crianças, pessoas LGBTIQ, pessoas negras, indígenas, camponesas, psico-diversificadas, enfermas, trabalhadoras, entre outras existências subalternas ou subordinadas. As retóricas da “animalidade” operam, assim, como um espaço central para a consolidação de práticas (discursivas e não discursivas) que relegam determinados corpos a uma situação de precarização e abandono socioeconômico. Isso se deve ao fato de que o especismo antropocêntrico estabeleceu o limite entre o que vale como “sujeito” e “humano” através de uma política de dominação que designa ao “animal” a alcunha de reverso negativo, inferior ou incompleto em relação ao considerado plenamente “humano” (Derrida 2006). Não é sem motivo, portanto, que a indagação acerca das formas de subordinação dos animais não humanos se converteu em um dos questionamentos mais vitais e urgentes de nossos tempos.

Segundo Matthew Calarco, a questão animal deve ser considerada “um dos temas centrais no discurso crítico contemporâneo”³ (2008: 1)⁴. De fato, além de se vincular à opressão e morte de bilhões de seres vivos, a questão animal diz respeito às formas de exclusão e subordinação de outras corporeidades e práticas não normativas. Os estudos críticos animais, na contramão da tradição humanista, enfrentam este problema e questionam as vastas taxonomias ontológicas que puseram os outros animais sob o domínio do “Eu” humano e de sua pretensa universalidade/objetividade. Num tal contexto, pensa-se na criação de “comunidades multiespécie”, ou seja, espaços de colaboração e construção de saberes e experiências não especistas, em que as relações se dão de forma não hierarquizada. Como explica Jacques Derrida, a constituição do sujeito humano implica, desde sempre, a “morte não criminoso” (1992) do não humano, cujo desdobramento é uma questão de decisão soberana

³ “one of the central issues in contemporary critical discourse.”

⁴ Sempre que necessário, os textos originais foram traduzidos para o português pelas autoras.

sustentada no sacrifício animal (2009). Frente a essa estrutura sacrificial, que, no mundo contemporâneo, alimenta um sistema seriado de produção de vida para a morte, faz-se urgente o difícil exercício de destronar a soberania do sujeito.

A partir dessa perspectiva, este artigo investiga as relações entre vulnerabilidade e resistência, que, a nosso ver, constituem um dos pontos centrais do romance *Sobre os ossos dos mortos* (2019), de Olga Tokarczuk. A obra tem como protagonista a personagem Janina Duszejko, uma mulher vigorosa, mas de idade avançada, que luta incansavelmente contra os horrores que testemunha na região onde vive, o Vale de Klodzko, na Polônia. A partir da representação de uma extensa comunidade multiespécie, o romance retrata a insurreição da protagonista contra uma sociedade patriarcal, especista e capacitista em que se mantém a tradição da caça. Nesse sentido, a obra deixa entrever o encontro entre vulnerabilidade e resistência num contexto especialmente adverso, em que confluem heterossexismo e especismo. Trataremos, inicialmente, do conceito de vulnerabilidade, para, em seguida, adentrarmos a obra de Tokarczuk.

2. VULNERABILIDADE E VIOLÊNCIA

No contexto de desdobramento do capitalismo neoliberal, precariedade e vulnerabilidade tornaram-se conceitos chave para se pensar a condição de finitude compartilhada por todos os viventes, assim como sua distribuição política fundamentalmente desigual. Quer dizer, embora todos os corpos sejam vulneráveis, há uma exposição diferencial à violência no âmbito das relações assimétricas de poder. Anat Pick (2018: 411) assinala existir uma tensão inerente ao conceito de vulnerabilidade como algo compartilhado, mas suportado de maneira desigual por diferentes corpos ou criaturas. Em particular, o trabalho de Judith Butler, muito embora tenha como foco a precariedade e precarização humanas, ajudou a pensar a condição dos outros animais nos últimos tempos (Stanescu 2012, Iveson 2012, Taylor 2008). Seu enfoque possibilitou rever tanto os potenciais traumáticos da precarização das vidas quanto sua relevância na articulação de lutas pela interdependência.

Segundo Butler, a precariedade é uma característica fundamental da corporalidade, pois aponta para o fato de que “o corpo implica mortalidade...: a pele e a carne nos expõem ao olhar dos outros, mas também ao contato e à violência”⁵ (Butler 2004: 26). Trata-se, assim, de uma dimensão de dependência e inter-relação, que evidencia o fato de que os corpos nunca são autônomos e independentes. Em um claro desafio às lógicas individualistas, igualitárias e identitárias, como pressupostos políticos fundamentais, Butler teoriza os corpos em termos de “relacionalidade”, de “interdependência” e de uma “ontologia sócio-corporal” (2004: 59-60). Não obstante, para Butler (2009), apesar de todos os corpos serem vulneráveis, existem formas diferentes de distribuição da precariedade: certas vidas gozam de proteção enquanto

⁵ “The body implies mortality . . . : the skin and the flesh expose us to the gaze of others, but also to touch, and to violence.”

outras não são merecedoras de reconhecimento e luto. Daí a diferenciação proposta pela autora entre *precariousness*, a condição vulnerável de todo corpo, e *precarity*, sua distribuição política hierarquizante.

Embora Butler pareça enfatizar exclusivamente o humano, seus argumentos vêm sendo ampliados de modo a demonstrar como os mecanismos de exclusão por ela analisados alcançam outras formas de vida (Freccero 2018, González 2018). De fato, em seus trabalhos recentes, Butler incentiva-nos a pensar as redes de interdependência para além da vida humana:

Pensar criticamente sobre como a norma do humano é construída e mantida requer que assumamos uma posição fora de seus termos, não apenas em nome dos não humanos ou mesmo anti-humanos, mas, em vez disso, em uma forma de sociabilidade e interdependência que não se reduza às formas humanas de vida e que não possa ser adequadamente referida por nenhuma definição obrigatória da natureza humana ou do indivíduo humano. Falar sobre o que é viver uma vida humana já é admitir que modos humanos de viver estão atados a modos de vida não humanos. (Butler 2018: 32)

Em *The ethics of vulnerability*, Erinn Gilson discute o tratamento dado por Butler à vulnerabilidade e nota que a precariedade é “uma forma particular de ser vulnerável”, na medida em que implica a “tenuidade da existência” e, assim, “o risco da perda: perda da vida e das características – tanto físicas ... e emocionais ou psicológicas ... que são essenciais aos seres vivos”⁶ (2014: 46). Para Gilson, uma das diferenças entre precariedade e vulnerabilidade reside no fato de que a última “envolve uma incerteza e uma instabilidade mais abrangentes; [consistindo] em uma abertura para alterações desestabilizadoras no geral, não para perdas em particular”⁷ (Gilson 2014: 46). Se, em Butler, a vulnerabilidade “está intrinsecamente ligada à violência”⁸ (Gilson 2014: 60), para Gilson a “vulnerabilidade ... permite experimentar segurança, sustentação, amor, e até coragem”⁹ (2014: 64). É nesse sentido mais amplo que abordamos, aqui, a vulnerabilidade, ou seja, como “abertura para o afeto” e “condição potencial” (2014). Ao distingui-la da aflição, Gilson afirma:

A aflição, portanto, implica perda. Na vulnerabilidade isso não acontece. Apesar de sua origem etimológica no latim *vulnerāre*, “ferir”, vulnerabilidade não equivale a sofrimento, dano, perda, dificuldade ou dor. Ao contrário, a vulnerabilidade é a condição que os torna possíveis. Mesmo quando concebida de maneira negativa, a vulnerabilidade é entendida como susceptibilidade ao dano, não o dano em si; como capacidade de ser ferido, não a ferida. É, portanto,

6 “the risk of loss: loss of life and loss of the features — both physical ... and emotional or psychological — that are vital to living beings.”

7 “it involves a more pervasive uncertainty and instability; it is openness to destabilizing alterations in general, not to losses in particular.”

8 “intrinsically linked to violence.”

9 “vulnerability allows us to experience reassurance, sustenance, love, and even courage.”

uma condição potencial e não, de fato, um estado de injúria. Como tal, não se pode predeterminar que seu resultado seja negativo.¹⁰ (2014: 23)

Ao analisar o sistema penal e carcerário dos Estados Unidos, Gilson discute as maneiras pelas quais a vulnerabilidade é produzida, exacerbada e, ao mesmo tempo, ocultada nas penitenciárias. Num tal contexto, atreladas à vulnerabilidade corporal, estão as vulnerabilidades social, legal e psicológica, continuamente recriadas por um sistema de carceragem em massa, que afeta a população negra em sua maioria (Gilson 2016). Tem-se, neste caso, o que Mackenzie, Rogers e Dodds (2014: 9) definiram como vulnerabilidade patogênica, ou seja, aquela proveniente das relações de poder, das hierarquias e do autoritarismo. Em *Vulnerability: new essays in ethics and feminist philosophy*, as autoras (2014: 7-9) propõem uma taxonomia da vulnerabilidade, definindo-a como inerente (ou ontológica), situacional ou patogênica. Especificamente no caso da vulnerabilidade patogênica, a abertura para o afeto de que fala Gilson pode ser explorada e manipulada para privilégio de uns e detrimento de outros. Aqueles cujo status social é marcado pelo estigma da inferioridade (e.g. racial), veem sua vulnerabilidade marginalizada de formas múltiplas, marginalização que não lhes reserva o direito a “respostas éticas (e.g. proteção e ajuda)” (Gilson 2016: 50).

Se, no caso do sistema penal, a exploração da vulnerabilidade ontológica acontece por um processo de marginalização (Gilson 2016: 51), no contexto que aqui se apresenta a vulnerabilidade é violada por meio do especismo. Segundo Horta, o especismo consiste na “discriminação daqueles que não estão classificados como pertencentes a uma ou mais espécies particulares”¹¹ (2010: 247). Contudo, diversos estudos (Calarco 2021, Ávila Gaitan 2019) colocaram em relevo a insuficiência de se pensar o especismo como uma mera forma de discriminação. Com efeito, o especismo não se baseia em uma escolha individual e voluntária pela discriminação dos animais não humanos. Trata-se, em verdade, de um dispositivo que persiste como ordenador social, conjugando saberes, instituições, discursos, espaços, técnicas e gestos e que delimita fronteiras e critérios hierárquicos de diferenciação entre corpos e formas de vida, a partir da dicotomia humano/animal.

A vulnerabilidade ontológica, inerente a todo ser vivo – posto que é finito e que existe nele, sempre, o potencial para ser afetado, psíquica, física e emocionalmente – ganha contornos muito particulares quando se fala dos animais não humanos. Sua vulnerabilidade ontológica é explorada no mundo contemporâneo de maneira absolutamente cruel: na indústria de carne, por exemplo, eles são dilacerados e triturados vivos e seus órgãos rasgados e jogados para fora do abdômen enquanto o coração ainda bate e os olhos reviram de dor e desespero. E assim, cortados, rasgados, despedaçados, desmembrados, eles seguem em filas de ganchos, um após o outro,

¹⁰ “Affliction, therefore, entails loss. Vulnerability, however, does not. Despite its etymological origin in the Latin *vulnerāre*, “to wound,” vulnerability is not equivalent to suffering, harm, loss, hardship, or pain. Rather, vulnerability is the condition that makes these things possible. Even when conceived negatively, vulnerability is understood as susceptibility to harm, not the harm; it is the ability to be wounded, not the wounding. It is a condition of potential rather than a state of actual injury. As such, it cannot be predetermined that the outcome of vulnerability is negative.”

¹¹ “discrimination against those who are not classified as belonging to one or more particular species.”

um com o outro, terrivelmente sós. Destituídos discursivamente da sua constituição enquanto seres ontologicamente vulneráveis, eles podem, no entanto, sentir sua vulnerabilidade descarnada.

Tem-se, aqui, um caso de violência extrema, que explora a vulnerabilidade de cada vivente cuja vida esteve, desde sempre, atrelada a um sistema de reprodução serial. O mesmo pode-se dizer do uso de “cobaias” nos laboratórios e na indústria do entretenimento: a sua abertura para o afeto, para afetar e ser afetado, é explorada no limite e testada até o desfalecimento do corpo. Trata-se, em verdade, de uma política da violência, sistematicamente reproduzida por um sistema cujo objetivo final é o lucro. Um dos exemplos mais extremos dessa política da violência está no aproveitamento de dois “sub-produtos” da indústria do leite: o *slink leather* e soro bovino fetal. Em sua tese de doutorado, Lynn Mowson discorre sobre o assassinato de vacas grávidas no Reino Unido e o contexto de obtenção desses “sub-produtos”. A autora cita a veterinária Gabriela Meurer: “às vezes, quando estão penduradas, sangrando até a morte, pode-se ver os bezerros não-nascidos chutando dentro do seu útero”¹² (Mowson 2014: 66). Há casos em que o bezerro, cuja pele será utilizada para a produção de *slink leather*, morre no ventre da sua mãe esquartejada. Porém, na coleta de soro bovino fetal, o útero da vaca é removido a fim de que o sangue do bezerro seja extraído através da perfuração do seu coração (que deve estar batendo no momento do procedimento para que o sangue não coagule). A princípio, o bezerro deve permanecer dentro da bolsa amniótica para que não respire e, assim, não sofra [sic]. O soro também pode ser recolhido através de uma incisão em seu pescoço:

Às vezes, uma massa cinza e alongada, que não é um pulmão, rim, traqueia ou fígado, é arremessada pelo cano contra a parede ... o trabalhador em seu capacete branco caminha na sua direção, pega o objeto ... corta a massa cinzenta. Haverá um feto dentro dela, com a pele suave e escorregadia e com padrões claramente delineados. Levantando o feto pelo pescoço e pernas traseiras, o homem torce ... e empurra a sua boca em direção a um dos ganchos pontiagudos ... e utiliza suas duas mãos para enfiar outro gancho no ânus do bezerro, que está agora suspenso pela boca e pelo ânus. O trabalhador faz, então, uma incisão na região do pescoço, trazendo uma garrafa com um canudo ... para perto do corte.¹³ (Mowson 2014: 67)

O ataque à vulnerabilidade ontológica de cada uma dessas vidas, a violência com que atingem seus corpos, o desrespeito às suas possibilidades de existência e afetividade seriam julgados como crime hediondo fossem eles dirigidos a humanos. Mas,

¹² “Sometimes when these creatures are hanging on the line bleeding to death, you can see the unborn calves kicking inside their mothers’ wombs.”

¹³ “Sometimes out of the pipe in the wall an oblong gray mass shoots that is not a lung, kidney, windpipe or liver. ... the white-helmeted worker walks over, picks up the object, ... cuts into the grey mass. There will be a fetus inside, with smooth, slick skin, and clearly marked hide patterns. Raising the fetus up by the neck and hind legs, the man swivels ... and pushes the fetus’s mouth onto one of the protruding hooks ... he uses two hands to stick another hook into the fetus’s anus. The fetus now hangs suspended by its mouth and anus, and the worker makes an incision in the neck area, bringing a bottle with a straw ... to the incision.”

como bem alertou Anat Pick: “as relações de poder [dentro do binarismo humano-animal] operam com uma pureza exemplar (ou seja, com o mínimo possível de obstáculos morais e materiais)”¹⁴ (2011: 1). A responsabilidade ética e política que deveria recair sobre este manancial de violência é, na verdade, condicionada pelas relações históricas de dominação, resultando na naturalização e no não reconhecimento do sofrimento dos outros animais. Neste último sentido, pode-se dizer que os viventes caracterizados como animais são especialmente vulneráveis posto que estão sujeitos ao especismo enquanto ordem de dominação global. Portanto, para além da vulnerabilidade de caráter existencial, compartilhada por todos os viventes, o especismo produz uma precariedade diferencial, desigual e induzida, que, ao estabelecer hierarquias entre as diversas formas de vida, torna irreconhecível a violência exercida sobre os viventes não caracterizados como humanos. Não bastasse esse estado de coisas, o especismo leva ao assassinato em massa de seres que são reproduzidos continuamente para morrer. Desta perspectiva, é possível sustentar que o especismo controla a vida, de modo sistemático e violento, como nenhum outro mecanismo de dominação.

A realidade da vida e da morte dos outros animais remete à ambiguidade da vulnerabilidade como condição de finitude compartilhada por todos os viventes e como suscetibilidade e exposição à violência orquestrada que afeta certas vidas mais que outras (Pick 2018). Se, em Gilson (2014), a vulnerabilidade ainda apresenta contornos humanistas e, portanto, especistas, é, aqui, reconhecida como instância que, em realidade, dissolve as barreiras do especismo antropocêntrico: a abertura para o afeto transpõe as barreiras normativas e revela-se como potencial do vivente. Como se verá a seguir, *Sobre os ossos dos mortos* retrata essa abertura potencial na figura de animais não humanos cuja existência é precarizada pela tradição da caça na Polônia e de uma protagonista humana, cujas características vão de encontro ao modelo normativo de sujeito.

3. VULNERABILIDADE, AFETO E RESISTÊNCIA:

Aparentemente contraditórias, vulnerabilidade e resistência podem coexistir e dialogar de forma produtiva, posto que a abertura para o afeto envolve, não raro, a necessidade de resistir contra a violência. Como bem pontuou Wadiwel (2015), a animalidade não se submeteu, sem resistência, aos dispositivos especistas moderno-coloniais nem à “indústria animal” (Noske 1997). De fato, o reconhecimento da vulnerabilidade comum é um ponto de partida para dismantlar a ficção do sujeito soberano, pois alude à exposição corporal, a esse estar sempre fora de si, em relação com os outros, a partir de conexões interdependentes. Recentemente, em *Animal resistance in the global capitalist era*, Sarat Colling descreveu porque e de que maneiras os animais não humanos resistem à subjugação do sistema especista. Entre as muitas formas de resistência estão a fuga, a libertação de outros indivíduos, a retaliação,

¹⁴ “relations of power operate in their exemplary purity (that is, operate with the fewest moral or material obstacles).”

e a provocação cotidiana (Colling 2021: 61-68), resultantes, entre outros fatores, da necessidade de autodefesa, e de sentimentos de solidão, ressentimento e amor. Com efeito, Colling entende que a resistência é uma resposta à dominação humana, especificamente aos mecanismos de domesticação, colonização e mercadorização da vida. É, portanto, uma ação política:

A oposição dos animais às forças opressivas ocorre no contexto de seu posicionamento social e político enquanto mercadorias e propriedades vivas. Nesse sentido social e político, a resistência é a luta de um animal e a tentativa de se libertar da condição de prisioneiro, ou de outras condições opressivas, por meio da transgressão ou da retaliação contra as barreiras construídas pelos humanos.¹⁵ (Colling 2021: 12)

Embora Colling não teorize sobre a vulnerabilidade, pode-se afirmar que essa é uma questão latente na sua obra. Em realidade, a autora deixa entrever que, “em resposta às violações do corpo e da mente, ou seja, violações que envolvem torturas físicas e emocionais, como é o caso da separação brutal de mães e recém-nascidos na indústria do leite, a resistência emerge do diálogo com a vulnerabilidade de cada vivente”¹⁶ (Rodrigues 2021: 123). “A resistência cotidiana dos animais é uma resposta à violência cotidiana”¹⁷, diz a autora, e esta é a sua marca incontestável (Colling 2021: 68).

É neste sentido que nos propomos a analisar a obra de Tokarczuk. *Sobre os ossos dos mortos* pode ser lido como um romance cuja tônica é o embate entre duas visões de mundo: de um lado, no curso de uma tradição especista, capacitista e heteropatriarcal, caçadores estilhaçam os corpos de suas presas; de outro, uma mulher idosa e centenas de outros animais resistem à matança. Em uma postura de firme resistência, a protagonista, Janina Duszejko, denuncia às autoridades locais a violência cometida contra os animais não humanos na região, violência que emerge, sobretudo, da caça. Sua indignação, assim como seu desolamento, crescem na medida em que testemunha o assassinato sistemático de corsas, pássaros, e tantos outros viventes, vítimas de uma sociedade em que o biopoder se manifesta corriqueiramente, nos atos de matar e expor o corpo inerte. Em dado momento, Duszejko aproxima-se da esposa de um dos caçadores. Estavam em um baile e Duszejko observava sua postura temerosa e subserviente. Visivelmente ansiosa, a mulher relata à protagonista:

— Não consigo parar de pensar naquilo. Corpos mortos. Quando ele volta de uma caçada, joga em cima da mesa da cozinha um quarto de uma corça.

15 “Animals’ opposition to oppressive forces occurs in the context of their social and political positioning as commodities and as living property. In this social and political sense, animal resistance is an animal’s struggle and bid for freedom against their captive or other oppressive conditions by transgressing or retaliating against human-constructed boundaries.”

16 “As a response to the violations of one’s body and mind, that is, a violation that involves physical and emotional torture, as in the case of mothers who are brutally separated from their newborns in the dairy industry complex, resistance emerges in dialogue with one’s sense of vulnerability.”

17 “Animals’ everyday resistance is a response to everyday violence.”

Normalmente as repartem em quatro pedaços. O sangue escuro se esparrama pelo tampo da mesa. Depois, corta aquilo em pedaços e guarda no congelador. Sempre quando passo ao lado da geladeira, penso que há um corpo esquartejado dentro dela. ... Ou, por exemplo, no inverno, pendura lebres mortas na varanda para que sua carne fique mais macia. E elas ficam lá, suspensas, com os olhos abertos e os focinhos cobertos de sangue coagulado. Eu sei, sei que sou neurótica, hipersensível e deveria me tratar. (Tokarczuk 2019: 185)

A passagem representa fielmente a hierarquização – material e simbolicamente atacada por Duszejko no decorrer do romance – que constitui a sociedade ali retratada. Cada vivente assassinado é, a seu tempo, invisibilizado (o direito de assassiná-los esconde sua potência vital e, portanto, a sua condição de vivente com desejos, interesses, vida afetiva e social) e, simultaneamente, exposto, de maneira conspícua, a fim de que não haver dúvidas a respeito da soberania do caçador. Antes um vivente pleno, potente e singular, a corça é, agora, um corpo esquartejado, matematicamente dividido em pedaços, um para cada soberano: pela voz da personagem é possível sentir o peso do destroço jogado sobre a mesa. O sangue escorre como o último fio de uma vida interrompida. Não é à toa que a única testemunha capaz de enxergar esse estado de coisas recebe a insígnia de “neurótica”, “hipersensível” e louca. Ou seja, não é casual a relação que se tece entre animalidade e loucura. De fato, na medida em que a modernidade/colonialidade privilegia os seres humanos qualificados como “normais”, arremessa a situações de vulnerabilidade patogênica as formas de vida qualificadas como anormais, primitivas e selvagens. Nos termos de Chen (2012: 13), existe uma “hierarquia do animado”, ou seja, uma escala de organização da vida que relega as mulheres, os corpos classificados como “loucos”, a vida não humana e, em geral, as vidas não normativas a um lugar marginal e inferior.

Deve-se esclarecer que o capacitismo é um dispositivo que privilegia os seres humanos qualificados como “normais” ou “saudáveis”, enquanto produzem pessoas em condições de incapacidade (Taylor 2017). Tais pessoas têm sido historicamente animalizadas por não atenderem a certos parâmetros de normalidade corporal ou psicológica, o que não só inclui os corpos *crip*, mas também afeta subjetividades dissidentes, mulheres, idosos, pessoas racializadas e, em geral, as existências qualificadas como insuficientes, monstruosas ou deficientes em relação ao ideal moderno de sujeito. Nesse sentido, a figura da mulher louca aparece de maneira apropriada justo no lugar onde se entrecruzam duas formas de silenciamento: seja pela bala ou pela mordança, o sistema patriarcal e capacitista elimina toda forma de vida que representa, desde sempre, o seu destronamento. Essa eliminação precisa ser sistematicamente reforçada (por meio de cada caçada) e evidenciada, para que o poder não seja questionado, num processo que lembra a antiga morte em praça pública, mas cuja finalidade é o gozo, seja por meio do prazer em penetrar a carne com a bala e a faca ou pela possibilidade de reviver aquele momento de penetração.

As lebres penduradas e os quartos da corça jogados na mesa e posteriormente congelados materializam-se como troféus que permitem um duplo gozo ao caçador. Por um lado, a cena representa a “estrutura sacrificial” da relação entre caçador e

os vivos por ele assassinados. Como bem afirmou Derrida, o sacrifício carnívoro é constitutivo do esquema dominante da subjetividade. Esta constituição do sujeito é também masculina e está em consonância com um exercício de “virilidade carnívora”, que o autor denomina “carne-falocentrismo” (Derrida 1992: 294). O termo refere-se à estrutura sacrificial dos discursos (e culturas) ocidentais, segundo a qual existe um lugar livre para o matar não-criminoso de outros animais (Derrida 1992: 293). Essa lógica sacrificial remonta à frase “não matarás em absoluto”, que, como observa Derrida, nunca foi entendida na tradição judaico-cristã como “não exporás à morte o vivo em geral”¹⁸, mas somente em sua relação com a vida humana. Dessa forma, institui-se o “homem como outro, o outro como homem”¹⁹, onde “o outro homem é o sujeito”²⁰ (Derrida 1992: 293). A exclusão dos animais não humanos do âmbito da ética e da política os arremessa à vulnerabilidade de uma morte não criminosa, permitindo a sua devoração, simbólica e material, no regime carnista, devoração predominantemente patriarcal. Para o filósofo, a violência infringida contra os outros animais caracteriza-se pelo seu caráter viril: “ninguém poderia negar que, em sua forma fenomênica mais geral, desde a caça até a corrida, desde as mitologias aos matadouros, salvo exceções, é o macho que pratica contra o animal”²¹ (Derrida 2006: 144).

No romance, o sacrifício, ou seja, “a necessidade, o desejo, a autorização, a justificativa de matar, matar enquanto negação do ato de assassinar”²² (Derrida 1991: 115), conjuga-se à opressão da figura feminina (no exemplo acima, a esposa do caçador, mas, de forma geral, a própria Duszejko), que não pode escapar à visão hedionda dos corpos que se espalham cotidianamente pela sua casa. A mulher “miúda, ereta e tensa”, que, nas palavras de Duszejko, o marido havia tocado como quem “[espanta] um inseto impertinente” (Tokarczuk 2019: 183), traz à tona a correlação entre violência contra mulheres e outros animais. A obra de Carol Adams ilumina este tema com a devida precisão. Como lembra Timothy Baker, Adams afirma que “a violência contra animais é um caminho frequente pelo qual os homens asseguram a sua dominância sobre as mulheres: um homem pode machucar um animal para afirmar seu poder, ensinar submissão, isolar a mulher de uma rede de apoio e relações, e perpetuar o contexto de terror”²³ (2019: 119). Este enlace histórico entre sexismo e especismo configura-se, para Adams, a partir de um ciclo de objetivação, fragmentação e consumo, que vincula a violência sexual e a matança dos animais não humanos em nossa cultura. Segundo a autora, isso ocorre a partir da estrutura do “referente ausente”, categoria que indica que os corpos de animais não humanos e mulheres são tratados como objetos ou propriedades, ao invés de serem considerados como singularidades viventes em

18 “tu ne mettras pas à mort le vivant en général.”

19 “homme comme l’autre, l’autre comme homme.”

20 “l’autre-homme est le sujet”

21 “personne ne saurait contester que sous sa forme phénoménale la plus massive, de la chasse à la corrida, des mythologies aux abattoirs, et sauf exception, c’est le mâle qui s’en prend à l’animal”

22 “need, desire, authorization, the justification of putting to death, putting to death as denegation of murder.”

23 “violence towards animals is a frequent way in which men assert dominance over women: a man may harm an animal to assert his power, teach submission, isolate a woman from a network of support and relationship, and perpetuate the context of terror.”

inter-relação com o mundo que habitam. O vivente subjugado e sacrificado desaparece na alusão neutralizada à “carne” ou à “comida”, enquanto as mulheres figuram como objetos naturalmente disponíveis.

Num tal contexto, a figura de Duszejko protagoniza a resistência da mulher como extensão da resistência dos muitos viventes que sobreviveram ou tentaram sobreviver às caçadas no romance (pelos diversos caminhos apontados por Colling). Este sentido de extensão pode ser visto como a concretização mesma da comunidade multiespécie, cujo núcleo, no romance, é esfacelado pelo assassinato das filhas de Duszejko. No capítulo “A fotografia”, o leitor descobre que foi Duszejko a responsável pela morte dos caçadores – figuras de autoridade no vilarejo – e por que o fez:

Tudo estava nítido na fotografia. Era a melhor prova de um crime que alguém poderia imaginar.

Havia nela homens uniformizados, alinhados, e diante deles, sobre o gramado, jaziam os cadáveres de animais dispostos ordenadamente: lebres, uma junto da outra, dois javalis, um grande e outro menor, corças e, depois, muitos faisões e patos, patos-reais e marrequinhas, pequenos que nem uns pontinhos, como se esses cadáveres formassem uma frase dirigida a mim, as aves formassem longas reticências que diziam: isso não terá fim. (Tokarczuk 2019: 233)

Tristemente, Duszejko constata que “[n]o canto da foto havia três cães mortos, também dispostos ordenadamente. Eram troféus. Não conhecia um deles. E os dois outros eram as minhas meninas” (Tokarczuk 2019: 233). A partir daquele momento, Duszejko entende o que deveria ser feito: a matança precisava parar e isso só aconteceria se ela interferisse de forma radical, afinal, suas inúmeras tentativas de dialogar e protestar com as autoridades foram em vão. Para os caçadores, a disposição dos corpos sequenciados e silenciados significava a demonstração incontestante de sua virilidade e soberania sobre a vida, num claro exercício de biopoder. Como já mencionado, a figura viril está no centro determinante do sujeito, cuja instituição encontra-se enlaçada à negação da morte dos animais não humanos como assassinato. Mais uma vez, segundo Derrida (1989), a lógica por detrás da construção do sujeito é fundamentalmente humanista, posto que não se pode “sacrificar o sacrifício”. Nas palavras de Wolfe (2003), a instituição violenta do sujeito estabelece o umbral do humano através de uma política de subjugação que designa o “animal” como sacrificável. Dessa forma, a soberania masculina equivale ao controle e à regulação das demais formas de vida, que são, por sua vez, disponibilizadas para a morte. Para Paul B. Preciado: “O que caracteriza a posição dos homens em nossas sociedades tecnopatriarcais e heterocêntricas é [o fato de que] a soberania masculina está definida pelo uso legítimo das técnicas de violência (contra as mulheres, contra as crianças, contra outros homens não brancos, contra os animais, contra o planeta em seu conjunto)” (2018: 2).

Num processo de desconstrução do controle soberano masculino, os corpos assassinados e ordenados pelos caçadores revelam-se como palavra, como voz, e dizem, em uníssono, “isso não terá fim”. A morte é, neste caso, transmutada em fala - uma fala que se manifesta como alerta, protesto e indignação. A resistência, ora

presente na fuga, na camuflagem e nos outros tantos métodos próprios de cada vivente, dá-se, agora, pelo corpo inerte, que fala da sua morte e conta a sua história. E Duszejko é capaz de ouvi-la. Quando encontra a fotografia, muito tempo já havia se passado desde que suas filhas haviam sido assassinadas. Seus corpos já eram ossos, jogados em algum canto. A fotografia é, assim, o texto que permite a Duszejko ler a frase final escrita pelos corpos na forma como foram dispostos: o texto da vida, contada por cada corpo, o texto dos corpos alinhados, gritando a interrupção violenta do viver, finalmente eternizados num texto fotográfico.

4. INSURREIÇÃO

Há uma profunda conexão entre Duszejko e os outros viventes animais que habitam o vilarejo, conexão que fala da vida e da finitude: assim, ela enterra as diversas partes de corpos que encontra pelo caminho em um pequeno cemitério atrás de sua casa. A finitude do seu próprio corpo é enfatizada ao longo do romance e apresentada ao leitor logo nas primeiras linhas: “Com a minha idade e nas minhas condições atuais, deveria sempre lavar os pés antes de dormir, caso uma ambulância precise vir me buscar à noite” (Tokarczuk 2019: 7). A obra deixa entrever, portanto, uma reflexão sobre a vulnerabilidade como condição compartilhada por todos os animais retratados na narrativa, vulnerabilidade que, mais uma vez, apresenta-se como “condição potencial”, como abertura, mas que, no contexto do romance, é explorada de maneira patológica pela tradição da caça. Não por coincidência, os caçadores representam o regime patriarcal, homens brancos e cisheterossexuais que possuem postos de poder na região e prosperidade financeira. Assim, sua morte, planejada e perpetrada por Duszejko, pode ser interpretada como metáfora para a resistência não somente ao especismo antropocêntrico, mas ao capacitismo, ao heteropatriarcalismo e a todo um sistema de poder que coloniza e, em última instância, aniquila os corpos daqueles que se encontram em posição de subordinação ou cuja condição de vulnerabilidade é tida como oportunidade para o domínio e o exercício da força.

Resistir num tal contexto é, como disse Colling, um ato político. No romance, esse ato se constrói pela insubordinação da protagonista, mas, também, pela luta diária de cada vivente contra as armadilhas postas em seu caminho e os tiros que vêm na sua direção. Duszejko, em sua condição marginalizada de mulher idosa, une-se a essa insurreição. Nesse sentido, o romance leva o leitor a ponderar sobre a interdependência e a vulnerabilidade comum, a partir das quais se pode imaginar políticas de animalidade que reivindiquem a multiplicidade das formas de vida diante da vigilância e do controle do dispositivo antropocêntrico. As últimas palavras de Duszejko revelam seu envelhecimento e remetem a sua própria morte. Sem qualquer temor, Duszejko pondera sobre os insetos e aranhas ao seu redor enquanto é cuidada por um amigo no local onde permanece escondida. O prenúncio da sua morte e o funcionamento limitado do seu corpo colocam-na dentro da animalidade e marcam a sua vulnerabilidade e finitude, como as de qualquer outro vivente, num claro esfacelamento do ordenamento especista. Incapaz de identificar suas pegadas na neve ela diz: “quem

andou por aqui? Quem deixou essas pegadas? Acho que é um bom sinal não se reconhecer” (Tokarczuk 2019: 251).

OBRAS CITADAS

ÁVILA GAITAN, Iván Darío. Los animales ante la muerte del hombre: (tecno)biopoder y performances de la (des)domesticación. *Tabula Rasa*, Bogotá, 31, Julio-Septiembre, p. 251-268, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25058/20112742.n31.10>

BAKER, Timothy C. *Writing animals: language, suffering and animality in twenty-first-century literature*. Cham: Springer Nature, 2019.

BRAIDOTTI, Rosi. *The posthuman*. Cambridge: Polity P, 2013.

BUTLER, Judith. *Precarious life: the powers of mourning and violence*. London: Verso, 2004.

BUTLER, Judith. *Frames of war. When is life grievable?* London: Verso, 2009.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CALARCO, Matthew. *Zoographies: the question of the animal from Heidegger to Derrida*. New York: Columbia U P, 2008.

CALARCO, Matthew. *Animal studies: the key concepts*. London: Routledge, 2021

CHEN, Mel Y. *Animacies: biopolitics, racial mattering, and queer affect*. Durham: Duke U P, 2012.

COLLING, Sarat. *Animal resistance in the global capitalist era*. East Lansing: Michigan State U P, 2021.

DERRIDA, Jacques. “Eating Well,” or the Calculation of the Subject: An Interview with Jacques Derrida. Eduardo Cadava, Peter Connor & Jean-Luc Nancy, orgs. *Who comes after the subject?* New York: Routledge, 1991. p. 6-119.

DERRIDA, Jacques. “Il faut bien manger” ou le calcul du sujet. Entretien (avec Jean-Luc Nancy). *Points de suspension: entretiens/Jacques Derrida*. Paris: Galilée, 1992. p. 269-301.

DERRIDA, Jacques. *L’animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006.

DERRIDA, Jacques. *The beast and the sovereign, volume 1*. Michel Lisse, Marie-Louise Mallet & Ginette Michaud, orgs. Trad. Geoffrey Bennigton. Chicago: U of Chicago P, 2009.

FRECCERO, Carla. Queer theory. Lynn Turner et al., orgs. *The Edinburgh companion to animal studies*. Edinburgh: Edinburgh U P, 2018. p. 430-443.

GILSON, Erinn C. *The ethics of vulnerability: a feminist analysis of social life and practice*. New York: Routledge, 2014.

GILSON, Erinn C. The perils and privileges of vulnerability: intersectionality, relationality, and the injustices of the U.S. prison nation. *philoSOPHIA*, New York, v. 6, n. 1, p. 43-59, 2016.

GONZÁLEZ, Anahí G. Cuerpos (animales) que importan: apuntes provisorios sobre la muerte del Hombre. *Anacronismo e Irrupción*, Buenos Aires, v. 8, n. 22, p. 33-55, 2018.

HORTA, Oscar. What is speciesism? *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, Florida, v. 23, n. 3, p. 243-266, 2010.

IVESON, Richard. Domestic scenes and species trouble: on Judith Butler and other animals. *Journal of Critical Animal Studies*, New York, v. 10, n. 4, p. 20-40, 2012.

LUNDBLAD, Michael. Animality/posthumanism/disability: an introduction. *New Literary History*, Baltimore, v. 51, n. 4, p. v-xxi, 2020.

MACKENZIE, Catriona; ROGERS, Wendy; DODDS, Susan. What is vulnerability, and why does it matter for moral theory? Catriona Mackenzie, Wendy Rogers & Susan Dodds, orgs. *Vulnerability: new essays in ethics and feminist philosophy*. New York: Oxford U P, 2014. p. 1-29.

MOWSON, Lynn. Beautiful little dead things: empathy, witnessing, trauma and animals' suffering: volume I. Tese (Doutorado em Artes), Melbourne University, set. 2014. Disponível em: <https://minerva-access.unimelb.edu.au/items/895bba75-7238-53d7-b048-2d5ea3fc019e>

NOSKE, Barbara. *Beyond boundaries: humans and animals*. Montreal: Black Rose Books, 1997.

OLIVER, Kelly. *Animal lessons: how they teach us to be human*. New York: Columbia U P, 2009.

PICK, Anat. Vulnerability. Lori Gruen, org. *Critical terms for animal studies*. Chicago: U of Chicago P, 2018. p. 410-423.

PRECIADO, Paul B. Carta de um homem trans ao antigo regime sexual. *Um apartamento em Urano*, 2018, Disponível em: https://www.flip.org.br/wp-content/uploads/2020/12/flip_preciado.pdf

ROCCA, Facundo. Humanidades, posthumanidades, humusidades. *Revista Común*, Ciudad de México, 16 junho. 2021, Disponível em: <https://revistacomun.com/blog/humanidades-posthumanidades-humusidades/>

RODRIGUES, Angela L. Review of Sarat Colling's *Animal resistance in the global capitalist era*. *Ethics & the Environment*, Bloomington, v. 26, n. 2, p. 119-125, 2021.

SALZANI, Carlo. From post-human to post-animal: posthumanism and the 'animal turn'. *Lo Sguardo: Rivista di Filosofia*, Roma, v. 24, n. 2, p. 97-109, 2017.

STANESCU, James. Species trouble: Judith Butler, mourning, and the precarious lives of animals. *Hypatia*, Cambridge, v. 27, n. 3, p. 567-582, 2012.

TAYLOR, Chloë. The precarious lives of animals: Butler, Coetzee, and animal ethics. *Philosophy Today*, Illinois, v. 52, p. 60-72, 2008.

TAYLOR, Sunaura. *Beasts of burden: animal and disability liberation*. New York: The New Press, 2017.

TOKARCZUK, Olga. *Sobre os ossos dos mortos*. Trad. Olga Baginska-Shinzato. São Paulo: Todavia, 2019.

WADIWEL, Dinesh. *The war against animals*. Leiden: Koninklijke Brill, 2015.

WOLFE, Cary. *Animal rites: American culture, the discourse of species, and posthumanist theory*. Chicago: U of Chicago P, 2003.